

Robert Vannoy, Profetas Maiores, Palestra 21

Daniel, Aula 1, Introdução

Danilo

A. Observações introdutórias

1. Problemas com data e autoria

Começamos hoje uma nova seção, que é o livro de Daniel. A. no esboço está “Observações introdutórias” e a primeira seção é “Problemas com data e autoria”. Então, quero discutir isso com você na primeira parte da nossa sessão. Daniel, é claro, é um dos livros proféticos que é mais frequentemente desafiado no que diz respeito à autenticidade. Há um consenso geral entre os estudiosos críticos de que o livro de Daniel é fictício e que foi escrito pouco antes de 165 aC. A razão para essa data é que os estudiosos críticos consideram que ela reflete a situação da época em que Israel sofria sob o domínio perseguições de Antíoco Epifânio da Síria, ou o que era então chamado de Aram. Isso é frequentemente conhecido como o período Macabeu, quando Judas Macabeu e seus irmãos instigaram a revolta contra as opressões de Antíoco Epifânio, e é esse contexto histórico que os estudiosos críticos consideram que fornece a base para o livro.

É claro que o próprio livro diz que foi escrito por Daniel, e Daniel viveu durante o tempo do cativo babilônico. E você leu sobre a transição do período babilônico para o persa no livro de Daniel. Babilônia caiu nas mãos dos persas, de Ciro, em 539 aC. Então isso colocaria Daniel em algum lugar um pouco antes, e não posterior, à data de 539, que é a transição entre o período babilônico e persa. Isto é, claro, cerca de 400 anos antes do que alegam os estudiosos críticos.

a. Razões para o atraso

Agora, as razões para esse atraso são basicamente três. Eu os listaria desta forma: Primeiro, e acho que isso está realmente no cerne de tudo e o mais importante é: a suposição a priori de que a profecia preditiva genuína não acontece. Depois, em segundo lugar, alegados erros históricos no material de Daniel. Se o escritor estivesse morando

aqui em 165 aC e estivesse escrevendo sobre algo 400 anos antes, a teoria é que ele realmente não conhecia muito bem sua história, então cometeu esses erros históricos. Então, a terceira linha de argumento são as supostas características linguísticas tardias. Estas são as três linhas centrais de argumentação para a data tardia.

1) Suposição de que a profecia preditiva não acontece

Vejam cada um deles. Então, primeiro: a suposição de que a profecia preditiva não acontece. Penso que é uma questão básica de cosmovisão, se estamos ou não abertos a intervenções divinas na história, na revelação e na ação. Pessoas que não estão dispostas a aceitar isso como uma possibilidade não são capazes de aceitar profecias preditivas genuínas. Há muitos que assumem que o universo é um continuum fechado de relações de causa e efeito onde não há espaço para intervenção do sobrenatural. Eles trabalham com essa suposição e, portanto, excluem a possibilidade de a revelação acontecer. Agora, humanamente falando, seria impossível para Daniel saber tanto sobre o curso da história de Israel no futuro até o seu tempo. Acho que isso está claro. Não há como uma pessoa com faculdades humanas normais escrever o material que está no livro de Daniel, porque grande parte dele olha para um futuro tão distante com detalhes tão surpreendentes que, se você descartar a possibilidade de revelação, você teria que concluir que isso foi escrito depois que essas coisas aconteceram.

No entanto, essa conclusão por si só cria alguns problemas, e o principal deles é a sucessão de impérios retratada em vários lugares do livro de Daniel. Veremos isso com mais detalhes à medida que avançamos no livro. Mas em Daniel 2, você tem aquela imagem com a qual Nabucodonosor sonhou que tem cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, e pernas e pés de ferro. Existem quatro partes ali – quatro materiais diferentes para essa imagem. Cada parte simboliza um império. No contexto do capítulo 2, é dada uma interpretação e é dito: “Tu, Nabucodonosor, és a cabeça de ouro”. Então você começa com o Império Babilônico, e parece que quando você segue a sucessão, você passa dos Babilônios para os Persas. Os persas caíram nas mãos dos gregos e os gregos caíram nas mãos dos romanos. Então, se você passar por

aquela sucessão de babilônio, persa, grego, romano, você já criou um problema aqui porque o romano é depois de 165 aC. Em 165 você ainda está no período grego, então você só tem Babilônia, Pérsia e Grécia. Roma chegou tarde demais para se enquadrar nesse esquema crítico de namoro.

Então eles veem esse problema e o que fazem é dizer que são os Impérios Babilônico, Medo, Persa e Grego. Assim, eles obtiveram quatro reinos sucessivos antes da data em que propuseram que Daniel fosse escrito. Agora, o problema com essa sequência é que o Reino Mediano nunca existiu historicamente num intervalo entre os Reinos Babilônico e Persa. Em outras palavras, passamos diretamente do babilônico para o persa. Os medos já haviam sido incorporados ao Império Medo-Persa antes disso, com o império Medo-Persa derrotando os babilônios em 539 aC. Nunca houve qualquer sucessão de medo para persa e para grego. O Reino Babilônico caiu nas mãos dos persas. E temos isso em Daniel no final do capítulo cinco. Naquela noite, Belsazar, rei dos caldeus, foi morto. Dario, o Medo, assumiu o reino. Você vê que passa direto do babilônico para o persa. Assim, Dario, o Medo, assumiu o controle do Reino Babilônico. Teremos que falar sobre Dario, o Medo, mas esse é um daqueles alegados erros históricos. Mas historicamente é claro, e não há dúvida entre os historiadores: não existia um reino Medo.

Agora, dadas as profecias de Daniel, se a sucessão de reinos inclui a Média, então Daniel está historicamente errado. Para os estudiosos críticos, isso não é problema. Você vê que isso se encaixa no esquema deles; eles afirmarão que o escritor Daniel, que vivia no período macabeu, estava confuso sobre o curso anterior da história de Israel. Este escritor, que viveu numa época posterior, pensava que havia uma existência independente de um reino medo entre os períodos babilônico e persa. A ideia seria: sabemos melhor. Portanto, este é outro exemplo de erro histórico por parte do escritor Daniel.

Acho que eles alegariam que temos fontes para a história persa, e para a história da Babilônia, às quais Daniel presumivelmente não teve acesso, ou às quais o escritor não teve acesso. Claro, isso pressupõe que exista um escritor anônimo e desconhecido

representando-se como Daniel, mas vivendo 400 anos depois da época de Daniel, cerca de 165 aC, na época de Antíoco Epifânio.

Tudo bem, então você vê que a visão crítica é baseada nesta suposição: a profecia preditiva não acontece. Mas muitas coisas no livro repousam claramente na revelação divina, ou você terá que mudar a data e a hora para dar conta do conhecimento dessas coisas pelo escritor. Mas ao mudar a data, você ainda enfrenta outros problemas.

2) Supostos erros históricos

Tudo bem, vamos aos supostos erros históricos. Um dos principais alegados erros históricos é aquele que acabamos de discutir: a existência deste Reino Mediano apócrifo entre os babilônios e os persas. Isso, é claro, é um fator importante no que diz respeito aos alegados erros históricos. Mas há alguns outros supostos erros, tais como: a referência a Belsazar como rei, em vez de Nabonidas, numa época em que o reino da Babilônia caiu nas mãos dos persas. Isso está naqueles versículos que acabamos de ver no final do capítulo cinco de Daniel. “Naquela noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario, o Medo, tomou o reino.” Estudiosos críticos dizem que isso não é exato porque Belsazar não era o rei na época em que os babilônios caíram nas mãos dos persas, mas Nabonidas era. Agora voltarei a isso em um minuto.

Mas um segundo alegado erro histórico é a referência a Nabucodonosor como o pai de Belsazar. Em Daniel 5:2 você lê: “Belsazar, enquanto provava o vinho, ordenou que trouxessem os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, havia tirado do templo que estava em Jerusalém”. Alega-se que isso é impreciso porque Nabucodonosor não era seu pai. Belsazar era neto, não filho.

Terceiro, diz-se que jamais existiu uma pessoa como Dario, o Medo. Em Daniel 5:31, Dario, o Medo, tomou o reino. Essa é a época da vitória dos persas sobre os babilônios. Alega-se que não existiu Dario, o Medo. Dario, o medo, não derrotou os babilônios, foi Ciro. Portanto, esses são três supostos erros históricos além deste apócrifo Reino Mediano.

Agora, vamos dar uma olhada neles. Existem respostas razoáveis para todos eles. A primeira sobre Nabonidas e Belsazar: fontes históricas babilônicas mostram que Nabonidas fez de seu filho Belsazar co-regente com ele; O próprio Nabonidas deixou a Babilônia e foi para o norte da Arábia. É interessante que Daniel 5:29 diz: “Então, como ordenara Belsazar, vestiram Daniel de escarlata, colocaram-lhe uma corrente de ouro ao pescoço e proclamaram a respeito dele que ele deveria ser o terceiro governante no reino”. Essa referência ao fato de Daniel ser o terceiro governante do reino é fascinante. Por que ele seria o terceiro governante do reino? Isto se ajusta ao que sabemos sobre Nabonidas tornar Belsazar co-regente. Isso é Daniel 5:29 . Assim , com Belsazar como co-regente, Nabonidas estava fora da capital quando esta caiu nas mãos dos persas. É perfeitamente razoável ler que: “Naquela noite Belsazar, rei dos caldeus, foi morto quando os persas tomaram a cidade.

A referência a Nabucodonosor como pai de Belsazar é simplesmente um uso semita. O termo “pai” é frequentemente usado no sentido de ancestral, assim como o termo “filho” é frequentemente usado no sentido de descendente no uso semítico. Em Mateus 1:1, “filho” significa “descendente”. “Jesus Cristo, filho de Abraão, filho de Davi.” Assim, em Daniel 5:2, onde é dito que Nabucodonosor era o pai de Belsazar, e em 5:22, onde diz: “E tu, Belsazar, seu filho, não humilhou o teu coração”, a terminologia pai e filho é empregada no sentido de ancestral. ou descendente. É interessante este pequeno guia de estudo do livro de Daniel que está sendo publicado pela editora JSOT – Journal for the Study of the Old Testament. Eles estão lançando guias de estudo para todos os livros do Antigo Testamento . Este foi lançado em 1985 e reimpresso em 1988. Na página 31 desse livro - coloquei uma declaração em suas citações, veja a página 36 de suas citações - o autor deste livro defende a data tardia para Daniel. No entanto, ele oferece esta crítica: “Comentários críticos, especialmente por volta da virada do século, deram grande importância ao fato de que Belsazar não era filho de Nabucodonosor, nem rei da Babilônia. Isto ainda é repetido algumas vezes como acusação contra a historicidade de Daniel e é resistido por estudiosos conservadores. Mas está claro desde 1924 que, embora Nabonidas tenha sido o último

rei da dinastia neobabilônica, Belsazar governava efetivamente a Babilônia. Nesse aspecto, então, Daniel está correto. O significado literal de “filho” não deve ser pressionado, mesmo que possa revelar um mal-entendido por parte de Daniel. Um argumento forte contra a fiabilidade histórica de Daniel não é reforçado pela inclusão de argumentos fracos como este.”

Isso é interessante vindo de alguém que ainda defende a visão da data tardia. Então ele volta mais a toda essa questão da possibilidade de revelação e predição genuínas. E o cenário histórico tem tanto sobre Antíoco Epifânio no livro de Daniel que você se pergunta como alguém poderia ter escrito isso a menos que estivesse vivendo na época das Epifanias de Antíoco, a menos que você estivesse disposto a aceitar a possibilidade de revelação.

Há um texto babilônico que deixa absolutamente claro sobre Nabonidas e Belsazar. Há um bom artigo sobre isso na Nova Enciclopédia ISBE se você procurar “Belshazzar”. Acho que foi escrito por Edwin Yamauchi, que utiliza parte desse material de origem babilônica.

A terceira coisa que mencionei é a questão de Dario, o Medo. Estudiosos críticos dirão que nunca existiu tal pessoa chamada Dario, o Medo. Esta é uma questão um pouco mais difícil devido à falta de evidências. É verdade que não temos nenhuma referência a um indivíduo com esse nome, Dario, o Medo, fora das Escrituras. E também é verdade que não há intervalo entre o governo de Belsazar- Nabonidas na Babilônia e a queda da Babilônia nas mãos de Ciro da Pérsia. Ciro é quem historicamente derrotou a Babilônia durante o tempo de Nabonidas e Belsazar. Então você vê que a sucessão é Nabonidas e Belsazar co-reinando, e então por volta de 539 aC Ciro assume. Mas acho que, tendo dito isso, isso não significa necessariamente que Daniel estivesse errado aqui. Existem várias sugestões razoáveis que foram feitas na tentativa de identificar este indivíduo, Dario, o medo, que é mencionado em Daniel 5:31, onde diz: “Dario, o medo, tomou o reino”.

É possível que Dario, o Medo, seja outro nome para o próprio Ciro. Talvez pudesse ser algum tipo de nome ou título de trono. Você se lembra que com Tiglath

Pilezer ele era conhecido na Babilônia como Pul. Tiglath Pilezer foi um rei assírio. Em 1 Crônicas 5:26, Tiglath Pilezer é chamado Pul. O nome babilônico é usado. Talvez este seja algum tipo de nome de trono, ou um título para Ciro que de outra forma não foi preservado. É interessante, se você olhar 6:28 de Daniel, você tem as declarações: “Assim, este Daniel prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o Persa”. Eles estão apenas conectados por um waw [e]. Isto poderia ser traduzido “mesmo no reinado de Ciro, o Persa”. Você poderia ter duas pessoas, ou poderia ser lido: “Daniel prosperou no reinado de Dario, mesmo no reinado de Ciro, o Persa”, o que identificaria Dario e Ciro como sendo a mesma pessoa com dois nomes. Então essa é uma possibilidade.

A outra possibilidade que foi sugerida e elaborada com algum detalhe é que Dario, o medo, seja outro nome para um indivíduo chamado Gubaru , que foi o governador que Ciro nomeou sobre a Babilônia. Ao conquistar a Babilônia, ele nomeou Gubaru como governador. E esse indivíduo, Gubaru , é mencionado em textos babilônicos. Então Darius poderia ser outro nome para esse indivíduo.

Então acho que a questão é que, no que diz respeito a Dario, o Medo, não temos provas suficientes para resolver completamente a identidade deste indivíduo. Mas isso não é razão para concluir que se trata de um erro histórico, um erro crasso, e para concluir que o livro foi escrito tarde.

Você conhece aquele princípio do caráter fragmentário da evidência arqueológica. Portanto , alegar que alguma afirmação não corroborada é suspeita se não houver corroboração arqueológica para ela – é uma ideia falaciosa. As evidências arqueológicas são tão minúsculas quando você pensa em todas as coisas possíveis que poderiam ser corroboradas e que não o são. Chegar à conclusão de que, porque algo não é corroborado, é de alguma forma suspeito, metodologicamente, simplesmente não é um bom procedimento. Então, eu diria neste ponto que há pelo menos duas explicações razoáveis sobre como devemos entender este nome Dario, o Medo. No momento, não temos mais confirmações que tornem certa uma dessas identificações. Talvez possa surgir algo mais que nem sequer foi pensado, mas não creio que a falta de corroboração

seja suficiente para justificar a conclusão radical de que isto foi escrito 400 anos depois e que é um erro histórico.

3) Supostas características linguísticas tardias

Supostas características linguísticas tardias, esta é a terceira linha de argumento contra a data inicial de Daniel. Esse argumento centra-se no uso de várias palavras emprestadas do grego encontradas em Daniel. É interessante que essas palavras emprestadas eram instrumentos musicais no capítulo 3, versículo 5, onde você diz: “No momento em que você ouvir o som da buzina, da flauta, da lira, da harpa e de todos os tipos de música, caia”. Vários desses termos para instrumentos musicais são palavras emprestadas do grego. Em outras palavras, elas foram apenas transliteradas do grego, mas na verdade são palavras gregas. E, claro, a conclusão é: se você tiver algumas palavras emprestadas do grego, elas devem estar no período grego ou você não teria palavras emprestadas do grego. A outra linha de argumento nesta base linguística é que há uso do aramaico no que é chamado de tipo tardio de aramaico. Você sabe que há uma seção em Daniel que está escrita em aramaico em vez de hebraico, e alega-se que nessa seção o aramaico é de tipo tardio.

Agora, não creio novamente que nenhum desses argumentos seja convincente. Há evidências abundantes de contatos entre os gregos e o Oriente Próximo muito antes da época de Alexandre, o Grande; e particularmente na área de um nome para um instrumento musical, é razoável esperar que algo possa ter sido importado do Ocidente para a Babilônia e o nome tenha vindo com ele, e não é surpreendente porque há provas abundantes desse tipo de contactos.

No que diz respeito à questão aramaica, você entra em uma discussão técnica. Tenho aqui uma citação de Baldwin sobre isso, na página 35 de suas citações. Há também um artigo de KA Kitchen, “The Aramaic of Daniel”. Ele analisa: A: Vocabulário; B.: morfologia e fonética, e C.: geral. Pode ser útil resumir a conclusão a que Kitchen chega como resultado do seu trabalho bem fundamentado e bem documentado. “Em primeiro lugar, o aramaico de Daniel é mostrado como sendo o

aramaico imperial, em si mesmo praticamente indecifrável com qualquer convicção entre cerca de 600-330 aC. É, portanto, irrelevante fazer distinções entre o aramaico oriental e ocidental que se desenvolveu mais tarde. A única indicação do local de origem surge da ordem das palavras, o que trai uma influência acadiana e prova que o aramaico de Daniel pertence à tradição do aramaico imperial antigo, século 7-4 aC, em oposição às derivações palestinas posteriores do aramaico imperial. . Muito se tem falado sobre o aparecimento de palavras gregas e, para quem não é especialista, as palavras gregas podem parecer conclusivas de que apontam para um período posterior a Alexandre, o Grande, até que fique claro que existem apenas três dessas palavras, e que são todos nomes de instrumentos musicais. As mercadorias gregas eram comercializadas em todo o antigo Oriente Próximo a partir do século VIII. Aparentemente, os gregos foram empregados na Babilônia durante a época de Nabucodonosor, e não há nada de surpreendente no fato de haver instrumentos de origem grega com nomes gregos na Babilônia do século VI aC. O que é significativo é que há tão poucas palavras emprestadas do grego no aramaico de Daniel.

“Segundo M. Hengel, desde a época de Ptolomeu, Jerusalém era uma cidade em que o grego era falado em grau crescente. Pode ser demonstrado por Zenão que a língua grega é conhecida nos círculos aristocráticos e militares do judaísmo na Palestina. Já estava difundido na ascensão de Antíoco IV em 175 aC e dificilmente teria sido suprimido, mesmo pela luta vitoriosa pela liberdade dos Macabeus. A partir do século III, encontramos quase exclusivamente inscrições gregas na Palestina.”

O fato de não mais do que três palavras gregas aparecerem no aramaico de Daniel, e estes serem termos técnicos, argumenta contra a data do segundo século para a escrita do livro. Com base nas evidências gregas e persas, preferiríamos colocar o aramaico de Daniel no século 6-4 aC, e não no terceiro ou segundo. Esta última não está descartada, mas é muito menos realista e não muito favorecida pelos fatos.

No debate contínuo, a data tardia de HH Rowley é contestada pelas conclusões de Kitchen. Todos estes argumentos foram refutados pelo principal estudioso israelense em uma importante pesquisa sobre o estado da pesquisa em aramaico antigo e foram

recebidos favoravelmente por outros linguistas. Está se tornando um fato aceito que a data de Daniel não pode ser decidida por motivos linguísticos e que a crescente evidência não favorece a posição do segundo século. Portanto, toda essa questão linguística é uma questão bastante técnica, mas há pessoas competentes que analisaram isso em detalhe e chegaram a conclusões bem fundamentadas que não apoiam a data tardia do livro, apesar de muitas alegações em contrário.

Em sua bibliografia, listei vários artigos sobre esse assunto. Observe na página seis, a terceira entrada é este artigo de Kitchen, “O Aramaico de Daniel” no Livro de Daniel editado por DJ Wiseman. Depois, o artigo de Wiseman mostra alguns problemas históricos no livro de Daniel. E depois três artigos de Yamauchi, todos úteis: “O Contexto Arqueológico de Daniel”, “Daniel no Contexto entre o Egeu e o Oriente Próximo antes de Alexandre” e “As Palavras Gregas em Daniel”. Agora, particularmente aqui, os artigos de Kitchen, Wiseman e Yamauchi são úteis se você estiver interessado em toda essa questão da data de Daniel, e eles fornecem respostas sólidas aos argumentos críticos.

4. Conclusão

Então, para concluir, parece-me que não há razões convincentes para namorar Daniel tarde. Existem respostas adequadas para cada um dos argumentos históricos e linguísticos que sustentam a datação tardia do livro. Penso que a questão subjacente é se alguém está ou não disposto a aceitar a possibilidade de uma profecia preditiva genuína. E se você está convencido de que Daniel não poderia ter falado tão claramente sobre o futuro ou especialmente sobre o tempo de Antíoco Epifânio em detalhes, então você deve procurar uma data posterior a esse tempo ou nesse tempo. Para aqueles que aceitam a possibilidade de uma previsão genuína, este material é visto como muitas outras seções das Escrituras como evidência de que existe um Deus que fala, e um Deus que é soberano sobre a história, e controla a história, e pode dizer com antecedência o que vai acontecer.

Daniel 1-6 A Seção Histórica

Vamos para 2., em “Observações introdutórias”, “Algumas observações gerais sobre o conteúdo do livro em relação ao seu propósito”. O livro de Daniel é geralmente dividido em duas seções principais: os capítulos 1-6, uma seção histórica, e depois os capítulos 7-12, uma seção profética, profética ali no sentido de predição. Nos capítulos 1 a 6 você tem narrativa, e nos capítulos 1 a 6 o material está muito bem dividido. Existem seis narrativas separadas, seis histórias sobre vários indivíduos: Daniel, seus amigos e vários reis.

Na seção profética, em vez de narrativas há visões, e você realmente tem quatro visões. Há uma visão no capítulo 7, uma visão no capítulo 8, uma visão no capítulo 9, e então 10, 11 e 12 são a quarta. Esses capítulos realmente podem ser agrupados, 10, 11 e 12. Então você tem quatro visões nos capítulos 7-12. Essa segunda seção, 7-12, é quase exclusivamente preditiva. A história lá é praticamente incidental. O material é discurso preditivo, e é material preditivo. Na primeira seção, cinco dos seis capítulos são material narrativo. Mas um capítulo, embora esteja em um contexto narrativo, é em grande parte preditivo, e esse é o capítulo 2. O capítulo 2 é uma visão daquela imagem dada a Nabucodonosor e a interpretação de Daniel dessa visão. Portanto, o capítulo 2 daquela primeira seção tem alguma semelhança com o material dos capítulos 7 a 12, embora seja colocado num contexto narrativo. Então isso significa que há realmente sete capítulos no livro que são em grande parte preditivos e cinco que são narrativos dos doze.

Agora, quando você olha para a primeira seção, a seção histórica, acho que quando você lê esses capítulos e reflete um pouco sobre eles, não é uma narrativa histórica no sentido normal de narrativa histórica como você tem em Reis, por exemplo, onde você tem uma apresentação conectada da história. O que quero dizer com isso é que você não tem uma história da Babilônia; você não tem uma história da Pérsia. Você aprende algo sobre Babilônia e algo sobre Nabucodonosor; você aprende algo sobre o período persa, mas não tem nenhuma apresentação conectada dele. Nem é um esboço biográfico da vida de Daniel. Não há nenhuma apresentação conectada da vida de Daniel, portanto não é uma história da vida de Daniel. Você aprende algo sobre certos

incidentes da vida dele, mas nenhuma apresentação relacionada sobre sua vida ou atividade. Portanto, os primeiros seis capítulos não são narrativa histórica no sentido de fornecer um discurso conectado sobre algum período da história relacionado com Babilônia, ou Pérsia, ou mesmo Daniel com qualquer princípio unificador.

Resumo do Conteúdo de Daniel 1-6

Daniel 1

Então você pode perguntar qual é o princípio organizacional? Por que este material está colocado na primeira parte deste livro da maneira como o encontramos? Eu gostaria de repassar isso rapidamente com você. Não é uma história da Babilônia, ou de Israel, ou de Daniel. Mas quando você olha os capítulos um por um, você percebe que no capítulo 1 você tem aquela história de Daniel e seus amigos se recusando a atender às exigências do rei e então Deus os abençoa por sua fidelidade. Acho que o que você encontra no capítulo 1 é que Deus abençoa Daniel e seus amigos pela fidelidade. Eles são colocados numa situação em que seria muito difícil ser fiel ao Senhor. Mas eles são fiéis ao Senhor e são abençoados por isso.

Daniel 2

No capítulo 2, Daniel interpreta a visão do rei, mas quando você lê o capítulo inteiro, você descobre que a grande ideia do capítulo é que mesmo que Nabucodonosor possa ser um rei poderoso, Deus é mais poderoso. Deus é supremo sobre Nabucodonosor e sobre todos esses governantes. Veja o versículo 47, no final do capítulo: “Respondeu o rei a Daniel e disse: Verdadeiramente é que o teu Deus é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis e o revelador dos segredos, visto que pudeste revele o segredo.” Isso saiu da boca do próprio Nabucodonosor. “Seu Deus é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis.” Então você tem a confissão da soberania do Deus de Israel, o Deus de Daniel. Deus é supremo sobre Nabucodonosor e sobre todos esses governantes.

Daniel 3

O capítulo 3 é o capítulo onde Nabucodonosor dá uma ordem que exige idolatria. Curve-se diante desta imagem. Três homens recusaram-se a obedecê-lo. Porque eles se recusam, eles são colocados naquela fornalha ardente, mas Deus liberta esses homens. Novamente você encontra uma demonstração do poder e da soberania de Deus, que o próprio Nabucodonosor admite. Observe os versículos 17 e 18, esta é a resposta de Sadraque, Mesaque e Abednego a Nabucodonosor. Eles dizem: “Não temos o cuidado de te responder neste assunto”. Esse é o final do versículo 16. “Se assim for, o nosso Deus, a quem servimos, é que pode livrar-nos da fornalha ardente e da tua mão, ó rei. Mas se não, fique sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que tu erigiste.”

Observe a ideia aí. A ideia não é que Deus irá protegê-lo, não importa o que aconteça em situações difíceis. Não é isso. A ideia é que independente do resultado, devemos seguir o Senhor porque ele é maior que Nabucodonosor e mais poderoso que qualquer outra força em toda a terra. Se ele desejar, ele é capaz de entregar, e Deus é capaz de fazer isso. Portanto, devemos seguir o Senhor e a sua vontade porque ele é maior que Nabucodonosor e mais poderoso que as forças da terra. Observe no final do capítulo, depois que eles foram preservados vivos e libertos, no versículo 28, Nabucodonosor fala e diz: “Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego que enviou o seu anjo e livrou os seus servos que nele confiaram, e mudaram a palavra do rei, e entregaram seus corpos para que não servissem nem adorassem nenhum deus, exceto o seu próprio Deus.

Daniel 4

Capítulo 4: Quero apenas percorrer rapidamente esses capítulos antes de examinar alguns deles com mais detalhes. No capítulo 4, Nabucodonosor declara sua grandeza e então Deus o ataca com loucura e lhe diz que viverá entre os animais do campo, e isso acontece. Então, quando Nabucodonosor confessa a grandeza de Deus, ele volta ao normal. Observe o versículo 25: “Expulsar-te-ão dentre os homens; a tua habitação será com os animais do campo. Eles te farão comer erva como os bois. Eles te

molharão com o orvalho do céu. Passarão sobre ti sete tempos, até que saibas que o Altíssimo governa no reino dos homens e o dá a quem Ele quer.” Você lê no versículo 28: “Tudo isso aconteceu ao rei Nabucodonosor. Ao final de doze meses ele percorreu os corredores do palácio do reino da Babilônia. O rei falou e disse: 'Não é esta a grande Babilônia que edifiquei para a casa do reino, com a força do meu poder, para honra da minha majestade?’” Ele está se exaltando. “Estando a palavra na boca do rei, caiu uma voz do céu, dizendo: 'Ó rei Nabucodonosor, a ti foi dito; o reino se afastou de ti. E eles te expulsarão do meio dos homens, e a tua habitação será com os animais do campo; eles te farão comer erva como bois. Passarão sobre ti sete tempos, até que saibas que o Altíssimo governa no reino dos homens e o dá a quem Ele deseja.' Na mesma hora a coisa se cumpriu em Nabucodonosor; e ele comeu grama como bois.” Versículo 34: “No fim dos dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu. Meu entendimento voltou para mim. Abençoei o Altíssimo ; e louvei e honrei aquele que vive para sempre. Seu domínio é um domínio eterno, e seu reino é de geração em geração. E todos os habitantes da terra são reputados como nada, e ele faz de acordo com a sua vontade no exército do céu.” E assim por diante. Versículo 37: “Agora eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e honro o Rei dos Céus.” Portanto, “A supremacia de Deus sobre os governantes terrenos”, capítulo 4. Especificamente sobre Nabucodonosor.

Quer sejam sete anos ou não, você tem aquela frase “sete vezes”. Isso é indefinido. Podem ser sete períodos de tempo menores que sete anos. Poderia ter sido sete semanas ou sete dias. É difícil dizer. Eu não diria que são sete anos. Mas aparentemente, por mais longo que tenha sido o período, Nabucodonosor conseguiu voltar ao poder. Então isso tornaria muito improvável que sejam sete anos. Veja o versículo 34 que diz: “No fim dos dias, eu, Nabucodonosor, levanto os meus olhos”.

Aparentemente, há uma doença documentada que é semelhante a essa. Existe um termo para isso; é chamado de licanthropia. Algo semelhante afligiu o rei Jorge III da Inglaterra, bem como Otão da Baviera nos tempos modernos. Portanto, parece uma condição estranha que alguém apresente esse tipo de doença mental, mas aparentemente é algo que não é único. É algo conhecido por outros exemplos de algo semelhante

acontecendo. Diz ali que até que seus cabelos cresceram como penas de águia , suas unhas como garras de pássaros. Parece mais do que sete dias ou sete semanas, mas acho que é difícil saber o que “os sete tempos” significam exatamente.

Daniel 6

O capítulo 6 é “A supremacia de Deus sobre os governantes terrenos e a natureza”. O capítulo 6 é o capítulo onde Dario, o Medo, é agora o governante. Ele criou, com a persuasão de alguns de seus funcionários, a lei segundo a qual ninguém adoraria ninguém além de si mesmo. E Daniel, claro, recusou-se a fazer isso. Ele continuou a adorar o Senhor e a orar em direção a Jerusalém três vezes por dia; e por causa disso, ele foi colocado na cova dos leões, mas Deus o protegeu. E no final desse capítulo, capítulo 6, vejamos o que diz o rei Dario, versículo 25: “O rei Dario escreveu ao povo, a todos os povos, nações, línguas que habitam em toda a terra: Paz vos seja multiplicada. Declaro que em todos os domínios do meu reino os homens tremam e temam diante do Deus de Daniel, pois ele é o Deus vivo e constante para sempre em seu reino, aquele que não será destruído. E seu domínio durará até o fim. Ele livra e resgata e opera sinais e maravilhas no céu e na terra, o qual libertou Daniel do poder dos leões.’ Portanto, este Daniel prosperou no reinado de Dario e (ou mesmo) no reinado de Ciro, o Persa.” Então é o mesmo tema, veja você: “A supremacia de Deus sobre os governantes terrenos e a natureza”, sobre Dario e os leões.

Resumo de Daniel 1-6

Então, quando você olha rapidamente, através dos primeiros seis capítulos, o que é central em todos esses capítulos é que Deus é supremo sobre a natureza, sobre a história e sobre os governantes humanos. Portanto, não se trata tanto de uma história no sentido técnico de algum tipo de discurso conectado sobre algum reino, rei ou indivíduo específico. Em vez disso, há um tema que permeia essas narrativas: Deus é supremo. Jerusalém pode ser destruída; o templo pode perecer; pode parecer que governantes perversos estão no controle; mas apesar de tudo isso, Deus é supremo. O povo de Deus

pode enfrentar dificuldades e perseguições terríveis, mas Deus é capaz, se assim o desejar, e isso “se assim o desejar” é importante. Está explicitado ali no caso da fornalha ardente. Deus é capaz, se assim o desejar, de livrá-los das dificuldades, por maiores que sejam.

Então eu acho que Daniel 1-6 é quase o que você poderia chamar de um sermão que apresenta o tema da soberania de Deus com uma série de ilustrações da vida de Daniel e das vidas de seus amigos e algumas das vidas desses reis com quem eles vieram em contato. Então não é Daniel o assunto principal; não é Nabucodonosor ou Ciro - mas Deus é o foco. E o objetivo é mostrar que ele é supremo sobre as nações da terra e que, por causa disso, o homem deve ser fiel a Deus em qualquer situação em que se encontre, porque pode saber que Deus é soberano.

Agora, essa verdade é certamente uma verdade importante para todos nós, mas penso que é uma verdade de particular importância para o povo de Deus em momentos específicos da sua história. Essa ideia é particularmente necessária para pessoas que sofrem perseguição por lealdade a Deus: consciência e confiança na soberania de Deus. Esse é o propósito específico por trás destes seis capítulos.

Contexto histórico dos impérios e da perseguição judaica

Lembre-se do contexto: o povo está na Babilônia. Pelo que sabemos da época, Israel estava cativo na Babilônia. Não houve muita perseguição, mas houve alguma. Parece que foi mais esporádico do que sistemático. Temos vários incidentes de perseguição aqui, mas não parece haver nenhuma perseguição generalizada durante o exílio babilônico. Você passa para o período persa e parece ser muito semelhante. Não há perseguição sistemática, mas houve alguma durante a época persa. Você se lembra da história de Ester, e houve uma tentativa de exterminar o povo judeu; mas não deu certo, e isso parece mais isolado do que algo característico do período. O Império Persa foi destruído por Alexandre, o Grande e depois da sua morte, que aconteceu rapidamente, a Palestina ficou sob o domínio dos Ptolomeus. Ele foi o general de Alexandre que conquistou a parte do reino de Alexandre na área egípcia e também controlou a Palestina

por mais de 100 anos. E não houve nenhuma grande perseguição sob o domínio ptolomaico da Palestina.

Mas desenvolveu-se uma guerra entre os Ptolomeus, lá no Egito, e os Selêucidas na região de Damasco e da Síria, pelo controle da Palestina. Eles lutaram para frente e para trás. Eventualmente, os selêucidas conseguiram assumir o controle da Palestina. E, novamente, não houve muita dificuldade em termos de perseguição no início do controle selêucida até que este homem, chamado Antíoco Epifânio, datado de 175 e 164 aC, chegasse ao poder. Ele decidiu pôr fim à religião judaica. Ele queria integrar os judeus na cultura helenística. Ele foi um promotor da cultura helenística. Ele queria que eles participassem de exercícios nus, que comessem carne de porco, que fizessem outras coisas contrárias à lei de Moisés. Alguns dos judeus o seguiram, mas muitos deles resistiram. Os livros do Primeiro e do Segundo Macabeus relatam a perseguição que surgiu sob Antíoco Epifânio contra todos aqueles que não obedeceram às suas ordens. Assim, durante toda a história judaica subsequente, Antíoco é visto como um grande perseguidor do povo judeu, um terrível inimigo dos judeus. 1 Macabeus conta como um grupo de judeus se levantou. Matatias, que era sacerdote, e seus cinco filhos – João, Simão, Judas, Eliezer e Jônato – resistiram a Antíoco. Eles travaram uma guerra de guerrilha contra este terrível perseguidor. Em 164 aC, a adoração foi restaurada no templo depois de ter sido profanado por Antíoco.

Agora, isso é apenas um breve esboço da história com respeito a esta questão da perseguição. Parece lógico, penso eu, à luz dessa história, e à luz do conteúdo do livro de Daniel, concluir que uma das razões para escrever o livro é preparar os judeus para o tempo de Antíoco Epifânio e para dê-lhes encorajamento durante este período de perseguição e dificuldade que estava por vir. Na verdade, o que você encontra é uma das maiores perseguições em toda a história do povo de Deus, ocorrida sob este governante, Antíoco Epifânias. Esse período é o primeiro grande período de perseguição após a escrita do livro. Em outras palavras, não parece que tenha havido perseguição sistemática sob os babilônios, os persas, os gregos, até a época de Antíoco Epifânio. Então parece que esse é um dos propósitos principais para a escrita do livro.

Transcrito por Victoria Chandler

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final do Dr.

Renarrado pelo Dr. Perry Phillips

16